

Luta para provar a inocência

O advogado condenado injustamente conta o sofrimento por que ele e a família passaram. "Meu nome continua sujo", reclama

» RENATO ALVES

Por 24 anos, Aldenor Ferreira da Silva escondeu da família a batalha que travava para provar sua inocência na acusação de sequestrador e assassino. Poupava os seis filhos por acreditar piamente na absolvição dos crimes, supostamente ocorridos em 1980. O segredo veio à tona em 18 de agosto de 2004, quando, do balcão de entrada do Departamento de Polícia Especializada (DPE), um policial avisou: "Doutor, há um mandado de prisão contra o senhor". A partir de então, o advogado viu a vida ruir.

Ainda no balcão, Aldenor foi algemado, levado para exame de corpo delito no Instituto de Medicina Legal e, em seguida, colocado em uma cela no DPE com mais de 40 presos comuns. Dois dias depois, o advogado estava trancafiado no cubículo traseiro de um carro da Polícia Civil, a caminho do Complexo Penitenciário da Papuda. "Me senti um Fernandinho Beira-Mar (o megatrágico carioca). Nunca vi tantos policiais, carros, armas pesadas e sirenes ligadas", recorda.

Mas a pior cena que não sai da cabeça de Aldenor é a chegada ao presídio. "Ali vi o que teria de enfrentar. Logo de cara, um agente

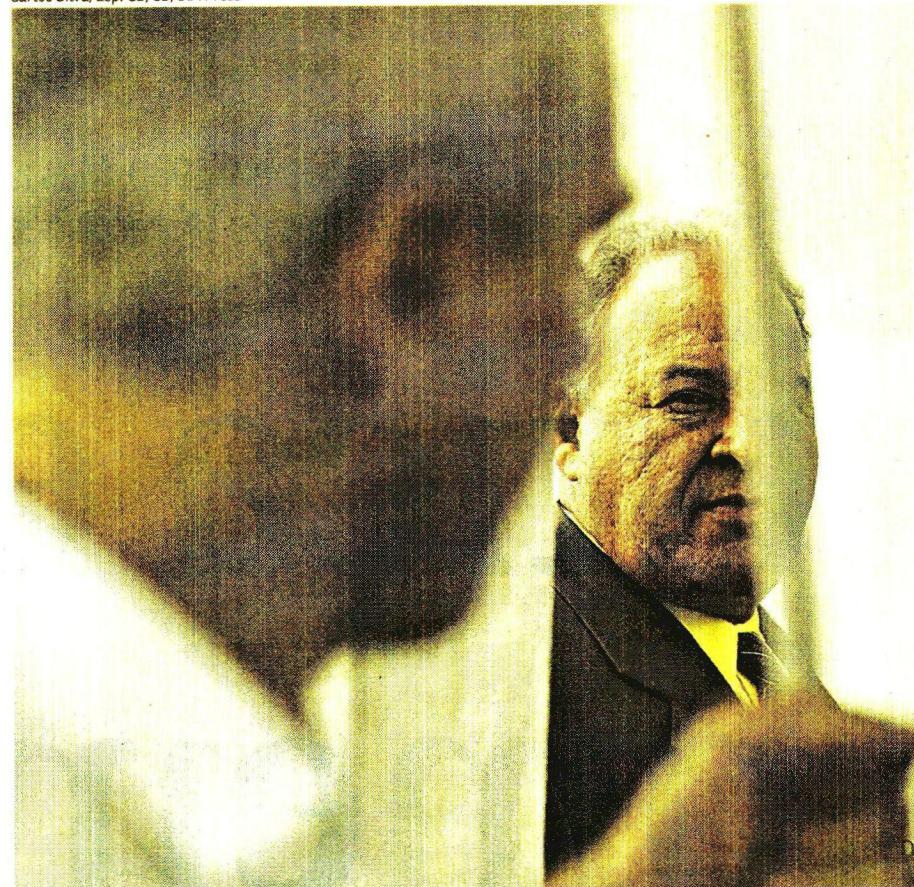
gritou, sarcasticamente: 'Tá chegando mais ladrão, bem-vindo'", conta. Assim como o acusado, os parentes dele enfrentaram os constrangimentos no presídio. "Era duro para todos passar pelas revistas íntimas, as humilhações e ver o meu pai preso, mas sempre acreditamos na inocência dele", lembra Bruno Almeida da Silva, 24 anos, o filho mais novo.

Bruno também não esquece como a rotina de todos da família mudou com Aldenor preso. "Para pagar os advogados, meu pai teve que vender o carro e a nossa casa, onde todos foram criados, cresceram. Nos fundos do lote, também morava a minha avó", lembra. Os Ferreira da Silva moravam no Gama e continuam a viver na cidade. A história do pai quase fez o caçula largar o curso de direito, que havia começado antes da prisão de Aldenor. "Quando ele me explicou tudo, bateu uma revolta muito grande, uma descrença na Justiça", comenta o recém-formado advogado.

Indenização

Apesar dos votos favoráveis de cinco dos sete desembargadores presentes à sessão da Câmara criminal do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios, ontem, Aldenor não dá a luta como

Carlos Silva/Esp. CB/CB/D.A Press



vencida. "Meu nome continua sujo. Nos arquivos de vários órgãos, ainda sou um assassino e sequestrador. Não cometí nenhum crime, nem o de extorsão." O advogado dele, Jason Barbosa

de Faria, já estuda um pedido de indenização. "Aí é outra guerra longa, pois a ação será contra o Estado", adianta.

Faria não fala em valores. Nem Aldenor. "Não há dinheiro que

pague o que eu passei, o que a minha família passou. Só suportei tudo isso por conta dos meus filhos e a minha mulher, que se mantiveram firmes ao meu lado", desabafa. Agora, Aldenor diz querer tra-

Não há dinheiro que pague o que eu passei, o que a minha família passou. Só suportei tudo isso por conta dos meus filhos e a minha mulher, que se mantiveram firmes ao meu lado"

Aldenor Ferreira da Silva
(ao fundo)

balhar, reconquistar os clientes perdidos nos quase dois anos preso. "Preciso pagar dívidas, ajudar a minha mulher, uma professora aposentada que assumiu as finanças da casa quando estive preso."